

História da Língua Portuguesa

Iva Svobodová, Ph.D.

23 de Março de 2015

a terceira aula

1. ORIGENS DE PORTUGAL
2. PORTUGUÊS ANTIGO – GALEGO-PORTUGUÊS
3. VOGAIS TÓNICAS

Esperança Cardeira, *História do Português*
(pp.39-44)

Edwin Williams, *Do latim ao português ês*
(pp.42-52)

Paul Teyssier – *História da Língua Portuguesa*
(pp.21-34)

Origens de Portugal

Fatores históricos

As invasões **árabes**, que começaram no século VIII, influem no facto de  uma grande parte da antiga nobreza **visigoda** se refugia no **Norte da Península**.

Origens de Portugal

Os visigodos organizam-se em **núcleos políticos** e organizam um movimento de **expansão territorial**.

Símbolo do início da reconquista cristã

Poucos anos depois da ocupação muçulmana, os árabes são derrotados na **batalha de Covadonga** pelo exército hispano-godo, comandado por

Pelágio

PELÁGIO

- **Pelágio** (latim: *Pelagius*, galego: *Paio*, castelhano: *Pelayo*) foi o fundador e o primeiro monarca do Reino de Astúrias (715-737) que governou até sua morte.
- Segundo a lenda, Pelágio era um nobre visigodo, filho do duque **Fávila**. Devido às intrigas entre a nobreza visigoda, o rei Vitiza conspirou para **assassinar o seu pai**. Pelágio fugiu para as Astúrias, onde tinha amigos ou família. Posteriormente, ao sentir-se inseguro no reino, partiu em peregrinação a Jerusalém. Ali permaneceu até à morte de Vitiza e entronização de Rodrigo, de quem era partidário. Com este, ocupou o cargo de conde de espatários ou da guarda do rei e como tal combateu na Batalha de Guadalete, abril ou maio do ano 711.

reconquista = guerra santa

O movimento cristão parte **do Reino de Astúrias e Leão**, liberta o vale de Douro e a região de Mondego. Ao ser descoberto o túmulo do apóstolo em **Santiago de Compostela**, a reconquista transforma-se **em guerra santa**, atraindo nobres de toda a Europa.

o que é Guerra Santa

- **Guerra santa é um recurso extremista que as grandes religiões monoteístas têm usado ao longo da história para proteger o que consideram ameaça aos seus dogmas e a seus lugares sagrados.** Na origem das primeiras "guerras santas" já travadas na história estão o Islamismo e o Cristianismo.
- A guerra santa é uma guerra originada por diferenças entre as religiões, e também como estratégia para espalhar a sua crença através do expansionismo fazendo uso da violência.

A vida de Santiago

- **Tiago** (*Jacobus, Iago, Jacques*) foi um dos primeiros seguidores de Jesus Cristo. Depois da crucificação de Jesus, Tiago divulgou a palavra do seu Mestre e numa das suas viagens chegou à **Galiza** onde pregou durante alguns anos, ainda que sem grande sucesso. De regresso a Jerusalém, em 44 d.C., Santiago foi mandado prender (ser preso) por Herodes Agripa, por idolatria, e condenado a morrer decapitado. O corpo de Tiago foi lançado às feras mas dois dos seus discípulos – Atanásio e Teodoro – anteciparam-se, recolheram-no e, de barco, viajaram em direcção à Galiza com o intuito de aí o enterrarem. Conta a lenda que o pequeno barco não tinha leme nem velas mas que seguiu o seu rumo guiado por um anjo.
- A recepção na Galiza não foi calorosa. Quem governava era a rainha Lupa, que só concordou em acolher os restos de Santiago após a superação de uma prova: Atanásio e Teodoro tinham que matar o dragão e trazer os touros bravos que viviam em Pico Sacro. Eles conseguiram e, perante tal façanha, a rainha Lupa converteu-se ao cristianismo e deixou-os sepultar o apóstolo num lugar chamado Libredón. Aí foi erguida uma pequena capela e sob o altar ficaram as relíquias de Santiago.

A vida de Santiago

- **Durante séculos o túmulo esteve abandonado** até que um dia, no início do século IX, **o eremita Pelayo** foi testemunha de uma revelação divina e descobriu o sepulcro do apóstolo em **Campus Stellae**, actual Santiago de Compostela. Os rumores desta descoberta chegaram até ao bispo de Iria Flavia, Teodomiro, que se tornou no grande responsável pelo inventio, a difusão no mundo cristão da descoberta do sepulcro de Santiago. A crença de Teodomiro era tanta que originou a intervenção do rei **Afonso II**, o Casto, que mandou **edificar um templo em homenagem ao apóstolo**.

finais do século IX

- O rei, **Afonso III das Astúrias**, institui o condado de Castela que se alargará do território original de Burgos, conquistando territórios e autonomia, tornando-se independente.
- http://www.diariodeleon.es/noticias/revista/ataques-almanzor-reino-leon_415400.html
- A ***Vimara Peres*** (hoje: ***Guimarães***) é concedido o título de **Conde de Portucale** – ele organiza a defesa e o povoamento entre o rio Lima e o Douro.

Vimara Peres

- Vímara Peres foi um dos responsáveis pela repovoação da linha entre o Minho e Douro, auxiliado por cavaleiros da região, pela acção de presúria do burgo de Portucale (Porto) que foi assim definitivamente conquistado aos muçulmanos no ano de 868.
- Nesse mesmo ano, tornou-se o primeiro conde de Portugal.
- Vímara Peres foi também o fundador de um pequeno burgo fortificado nas proximidades de Braga, **Vimaranis** (derivado do seu próprio nome), que com o correr dos tempos, por evolução fonética, tornou-se a moderna Guimarães, tendo sido o principal centro governativo do Condado Portucale, quando da chegada do conde don Henrique.
- Foi em Guimarães que viria a falecer, em 873. O seu filho, Lucídio Vimaranes (que significa "filho de Vímara"), sucedeu-lhe à frente dos destinos do condado, instituindo-se assim uma dinastia condal que governaria a região até 1071.

Al-Mansor

- **Abu Amir Muhammad ibn Abdullah ibn Abi Amir, al-Hajib al-Mansur** = foi o governador do al-Andaluz (designação em árabe da Península Ibérica) no final do século X e início do século XI. A tradução aproximada do seu nome é "***Fiel Amir Muhammad, o Escravo de Deus e familiares***". O seu governo marcou o auge do império omíada na península Ibérica.
- Em **981** ataca o território **Vimaranis**. A terra só será retomada por **Henrique de Borgonha**.

INÍCIO DO SÉCULO XI

- **Afonso VI** durante a guerra contra os muçulmanos, chamou os príncipes dalém dos Pirinéus. Entre eles o **príncipe Henrique** e o seu primo **Raimundo de Borgonha**. Os dois príncipes granjearam grande reputação pelo seu valor nas guerras em que entraram, e em prémio dos serviços prestados,
- D. Afonso VI casou
sua filha **D. Urraca com Raimundo** – concede-lhe o território de **Galaecia**
sua filha bastarda **D. Teresa ou Tareja com D. Henrique** – concede-lhe o território de **Conimbriga e de Portucale**

Conde de Borgonha, o *Bom*.

- Em **1093** D. Afonso atravessou o rio Mondego, tomou **Santarém, Lisboa e Sintra**, dilatando assim o domínio cristão **até ao rio Tejo**. Como o ocidente da península hispânica formava um domínio já bastante extenso para que os seus chefes pudessem tornar-se independentes, pensou em delegar o seu poder para esses lados num homem de confiança. Fez pois de **Raimundo conde soberano de Galiza**, e de **Henrique governador do condado de Portucale**, sob a suserania de Raimundo.

Conde de Borgonha, o *Bom*.

- O território entre o Minho e o Tejo compreendia então três territórios:
 1. o condado de **Portucale**, que ia do Minho ao Douro;
 2. o de **Coimbra**, do Douro ao Mondego;
 3. e o novamente conquistado aos sarracenos, do Mondego ao Tejo, de que D. Afonso fizera governador Soeiro Mendes, com a sede do governo em **Santarém**.

Libertação de D. Henriques da suserania de Raimundo

Este território foi retomado pelos mouros logo em **1095** e parece que este desastre contribuiu para que D. Afonso VI libertasse o conde D. Henrique da suserania de seu primo Raimundo, porque em **1097** já governava independentemente o seu condado, e em **1101** encontrava-se na corte do rei de Leão e de Castela. Estavam, portanto, sossegadas as fronteiras de Portugal, e os muçulmanos, concentrando todos os seus esforços **no oriente da península** e nas fronteiras de Castela, contentavam-se **no ocidente** só com a posse de **Lisboa** e de **Sintra**, que por esse lado limitavam o seu império já tão disseminado. Vendo a Espanha quase tranquila, procurou o conde D. Henrique outro campo em que pudesse empregar a sua irrequieta actividade. Seduziu-o, como a tantos outros príncipes, o movimento das cruzadas.

D. Henrique vence *Hecha* e *Hali Aben Joseph*

- Entre os anos de **1102 e 1104** contínuas expedições demandavam a Terra Santa, e **D. Henrique**, nos primeiros meses de **1103** partiu para o Oriente, donde voltou em **1105**, sem que a historia faça menção dos feitos que praticou, o que se explica por ele ter partido mais como simples voluntário, do que como chefe dalgum poderoso contingente. Desde essa época envolveu-se nas intrigas que tinham por fim ampliar o território que dominava e conseguir tornar-se independente. Continuando a guerrear os moiros, conquistou-lhe mais terras, vencendo o régulo ***Hecha*** e o poderoso rei de Marrocos ***Hali Aben Joseph***. Excelente guerreiro, sábio e prudente administrador, aumentou consideravelmente as terras do seu condado, merecendo o cognome de ***Bom***, que a historia lhe deu.

Herança

Afonso VI não tinha filho varão legítimo, por conseguinte Raimundo, marido de D. Urraca, esperava receber a herança, porém, ele morreu, D. Sancho (o seu filho natural também) e pouco tempo depois, e ficou a legitima herdeira D. Urraca

Guerra civil

- Depois da morte de D. Henrique (seu corpo foi trasladado para Braga, e sepultado numa capela da sé), ficou D. Teresa governando o condado de Portucale **na menoridade** de seu filho D. Afonso Henriques, que apenas contava três anos de idade.

Afonso Henriques

D. Afonso I de Portugal, mais conhecido por **D. Afonso Henriques** foi o fundador do Reino de Portugal e o seu primeiro rei, com o cognome *O Conquistador*, *O Fundador* ou *O Grande* pela fundação do reino e pelas muitas conquistas. Após a morte de seu pai, Afonso tomou uma posição política oposta à da mãe, que se aliara ao nobre galego Fernão Peres de Trava. Pretendendo assegurar o domínio do condado armou-se cavaleiro e após vencer a sua mãe na batalha de São Mamede, em 1128, assumiu o governo. Concentrou então os esforços em obter o reconhecimento como reino. Em 1143, no tratado de Zamora, intitula-se rei, depois da vitória na batalha de Ourique contra um contingente mouro, D. Afonso Henriques proclamou-se rei de Portugal, com o apoio das suas tropas. . A independência portuguesa foi reconhecida, em 1179, pelo papa Alexandre III, através da bula *Manifestir Probatum* e ganhou o título de *rex* (rei). Com o apoio de cruzados do norte da Europa conquistou Lisboa e Santarém **1147**. Libertou Faro em 1249 Com a pacificação interna, prosseguiu as conquistas aos mouros, empurrando as fronteiras para o sul, desde **Leiria ao Alentejo**, mais que **uplicando o território que herdara**. Os muçulmanos, em sinal de respeito, chamaram-lhe *Ibn-Arrik* («filho de Henrique», tradução literal do patronímico *Henriques*) ou *El-Bortukali* («o Português»).

Reconquista castelhana

A reconquista castelhana abrange um território muito mais extensa → é mais lenta termina só em **1492**. Sobrepõe-se aos árabes e aos reinos vizinhos, cria um território homogêneo, do qual também Portugal irá fazer parte (**1580-1640**) → → situação de **diferenciação nítida linguística** entre os diferentes territórios com diferentes romances ibéricos.

Impacto no desenvolvimento da língua

As circunstâncias históricas (diferentes substratos e superstratos) e territoriais influem em

➔ implantação de **diferentes inovações linguísticas**

➔ no **alargamento territorial**.

➔ As **inovações linguísticas** do Castelhana expandem-se conforme a expansão territorial da Castela e afasta outor reinos e romances.

Distribuição de alguns traços linguísticos iberorromânicos

A expansão castelhana teve como consequência a interrupção de uma relativa unidade hispânica:

centro : inovações castelhanas

apagamento do **F** latino incial

evolução dos grupos **LI** e **C´L** para uma fricativa velar

evolução do grupo **–CT** para uma africada palatal

apagamento do **i** semiconsonântico inicial

Distribuição de alguns traços linguísticos iberorromânicos

Periferia (Castela, Portugal, Catalunha)

Conservam o **F** latino inicial
os grupos **LI** e **C'L** palatelizezam → **LH**
evolução do grupo –**CT** para **IT**
O **i** semiconsonântico inicial evolui para **J**

Exemplos

latim	português	castelhano	catalão
FILIU	FILHO	HIJO	FILL
OCULU	OLHO	OJO	ULL
LACTE	LEITE	LECHE	LIET
IANUARIO	JANEIRO	ENERO	GINER

MIGRAÇÃO DOS VENCEDORES

A reconquista avançava  o território
alargava-se  abria-se caminho para a
migração dos vencedores no território alargado.

Repovoamento

No Norte (*da Galiza ao Douro*), o repovoamento que já tinha começado com D. Henriques, continuou, acrescentando-se à **população rural x novos senhores** que se apoderaram das terras (presúria – apropriação das terras e pessoas). São fundadas novas igrejas e mosteiros. Os senhores instalam-se em ***vilas***.

Repovoamento

Entre *o Mondego e o Tejo*, o repovoamento tem um carácter mais **municipal** em torno das **idades** e das **vias** principais. O interior é pouco povoado.

Repovoamento

Entre *o rio Tejo e o sul* existem ordens militares (Templários-cristo, Calatrava, Santiago) apoderam-se de vastas propriedades. Quanto à **densidade populacional**, esta resulta muito **fraca**.

Repovoamento

- **Norte** – população estável, densa, antiga – e também a língua é mais variável;
- **Nordeste** – o Mirandês – testemunha a ligação com Leão;
- **Centro e Sul** – territórios de colonização, mistura de populações vindas do norte ou do oeste – diversifica-se a língua.

Santiago) praticam um repovoamento que se traduzirá, durante séculos, em vastas propriedades e fraca densidade populacional. É nestas terras 'novas' que se criam os concelhos de tipo 'perfeito', instituídos pelo rei com a outorga de um foral que modela uma completa organização municipal. A abundância destes novos concelhos a sul do Mondego é bem reveladora da necessidade de repovoar as terras reconquistadas.

O traçado do mapa linguístico de Portugal continental espelha, até hoje, estas diferentes estratégias de repovoamento. A norte, a fronteira política imposta a uma população antiga, estável e densa, não conseguiu quebrar uma antiga unidade linguística nem nivelar a riqueza dialectal que a estabilidade, a densidade e a antiguidade justificam. A nordeste, o Mirandês testemunha a ligação a Leão. No Centro e Sul, territórios de colonização, a mistura de populações vindas quer de norte quer de oeste, transportando consigo uma diversidade de variedades linguísticas, materializa-se no nivelamento dialectal e na apetência para a inovação. Quando olhamos, agora, para o mapa linguístico da faixa ocidental da Península, verificamos uma continuidade entre os dialectos galegos e os portugueses setentrionais (conservação da africada /tʃ/¹ correspondente à grafia <ch>, oposta à fricativa /ʃ/, grafada <x>; conservação da sibilante apical, conhecida como 's beirão'; conservação dos ditongos /ow/ e /ej/ e betacismo, que consiste na indistinção b/v) que tem raízes mais antigas que a fundação da nacionalidade. Os dialectos portugueses centro-meridionais, por outro lado, forjaram-se em terras reconquistadas e repovoadas, onde a necessidade de comunicação entre falantes de variedades diversas impôs o nivelamento linguístico: em períodos caracterizados por grandes movimentos migratórios, mudanças que tornem a comunicação mais fácil, eliminando diferenças entre os falantes, são favorecidas.

¹ A africada /tʃ/, com origem nos grupos latinos PL, CL e FL, conserva-se apenas nos dialectos setentrionais, correspondendo à grafia <ch> e opondo-se a <x>, que se pronuncia /ʃ/: *cheio* / *paixão*. Na norma actual não se manteve a africada, excepto em empréstimos como *tchau* (do italiano *ciaò*). Assim, articula-se <ch> como <x>: *cheio* = *paixão*.



Também no plano da estruturação lexical as vicissitudes da história deixaram marcas. O Noroeste de Portugal, em que as divisões administrativas romanas vieram ajustar-se a anteriores limites étnicos e foram continuadas pelas fronteiras do reino suevo e pela organização eclesiástica do período visigodo, manteve uma população estável, mesmo após as invasões árabes. A individualização precoce da região entre o Douro e o Minho e a estabilidade da sua densa população favoreceram uma tendência conservadora que justifica a sobrevivência de tipos lexicais arcaicos (por vezes dos mais antigos de toda a România, como é o caso de *anho*, substituído por *cordeiro* ou *borrego* no restante território português) e uma rica diferenciação dialectal.

À região arcaizante do Noroeste opõem-se as inovadoras terras planas do Sul, teatro das lutas da reconquista e objecto de uma política sistemática de repovoamento. A norte do Tejo encontramos designações mais antigas e de origem latina; no Sul, a ocupação árabe e a influência moçárabe legaram-nos novos vocábulos. É assim que à *sega*, ao *cesto*, à *gruta* ou ao *bolso* nortenhos correspondem a *ceifa*, a *alcofa*, o *algar* e a *algibeira* meridionais.

Diversificação linguística dialetológica

Fonética

ʃ x tʃ x s tchabe x chave

ou x o mouro x moro

ei x e leite x lete

betacismo b/v tchabe x chave

Diversificação linguística dialetológica

Lexicologia:

O **noroeste**: individualizado pela história pelo facto de a população ser estável, tendências conservadoreanas, sobrevivência de arcaísmos, por vezes dos mais antigos de toda a Romância: anho, haja bem, formoso, etc. . .

O **sul**: mais sujeito a inovações. No sul, a ocupação árabe foi mais intensiva também no que diz respeito à influência linguística:

Sega, cesto, gruta, bolso /**norte**/

==

ceifa, alcoga, algar, algibeira /**sul**/.

Diversificação linguística dialetológica

No sul – os dialetos meridionais , por serem mais variáveis, impuseram a necessidade de comunicação entre falantes de diferentes variedades  e portanto  também a necessidade de **nivelamento linguístico**. Assim,  eliminam-se diferenças entre os falantes para a comunicação ser mais fácil.